

"A (RE)EXISTÊNCIA ATRAVÉS DA ESCRITA" – A CONTRANARRATIVA MOBILIZADA PELAS OBRAS DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS

Resumo: Este artigo visa refletir acerca das experiências raciais vivenciadas por negros no Brasil e sua expressão na produção literária de autores negros. Em diálogo com Fanon (2008) e Nascimento (2016 [1978]), o trabalho analisa os conflitos acerca da narrativa racial construída no país, com ênfase no movimento de "contranarrativa" organizado por autoras negras. Em articulação com Conceição Evaristo (2005) localiza a literatura negra feminina como ferramenta de disputa política e renovação da análise sociológica. Visa, por fim, compreender a realidade racial brasileira, seu papel na literatura e como este aspecto permeia as obras de autoras negras brasileiras ao longo dos últimos anos.

Abstract: *This article aims to reflect about the racial experiences lived by black people in Brazil and their expression in the literary production of black authors. In dialogue with Fanon (2008) and Nascimento (2016 [1978]), the work analyzes the conflicts about the racial narrative built in the country, with emphasis on the "counter-narrative" movement organized by female black authors. In articulation with Conceição Evaristo (2005) situates the black female literature as a tool of political dispute and renewal of sociological analysis. Finally, it aims, to understand the Brazilian racial reality, its role in literature and how this aspect permeates the works of Brazilian black authors over the last years.*

"Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um "corpo-mulher-negra em vivência" e que por ser esse "o meu corpo, e não outro", vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta." (EVARISTO, 2009, p. 18).

Conceição Evaristo

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito expor aspectos relevantes da experiência colonial brasileira e suas facetas raciais, apontando estratégias utilizadas pelos colonizadores para construir uma sociedade escravocrata e a confluência dessas práticas nos processos de dominação da escrita e da narrativa sobre esta sociedade. Diante das análises histórico-sociológicas aqui realizadas, o objeto central desta pesquisa será a expressão desta construção social na literatura brasileira.

Por meio da interdisciplinaridade, este estudo articula as Ciências Sociais, a História e a Literatura com o intuito de investigar a experiência racial brasileira mediante a escravidão e suas políticas de consolidação do racismo. Des-

se modo, propõe-se aqui destacar a atuação racista que a branquitude¹ utilizou para consolidar um estereótipo do "ser negro" que se expressa na literatura brasileira. A força e organização para tal feito está diretamente ligada ao acesso aos espaços de poder, de modo que a recorrente exclusão dos negros nesses espaços os impede de disputarem o delineamento de uma gramática antirracista. É neste argumento que se debruça este trabalho: a possibilidade do sujeito negro enquanto pesquisador, literato, produtor de conhecimento e não mais objeto.

Dessa forma, expõe as resistências alternativas criadas por autoras negras ao longo dos anos, ao utilizarem suas obras como um espaço de disputa narrativa, rompendo, de forma diversa, com a continuidade das representações distorcidas e racistas da população negra. O fenômeno aqui observado, consiste na disputa pela narrativa, construída por autoras negras contemporâneas. Através de iniciativas coletivas e auto-organizadas, rebatem percepções homogêneas acerca das personagens negras na literatura, seja em contos, diários ou cordéis; de modo a repensar as trajetórias dos negros e os dilemas raciais no Brasil.

A exposição desta questão faz-se essencial tanto em um sentido estratégico, com intuito de ressignificar e recriar a literatura brasileira

Gabriela da Cpsta Silva

Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília - UnB.

Contato

<gabrielaconstasilva19@gmail.com>

Palavras-chave:

Literatura negra; Colonialidade; Mulheres negras.

Keywords:

Black literature; Coloniality; Black women.

¹ Entende-se aqui *branquitude* a partir das reflexões da pesquisadora Maria Aparecida Bento (2002), ao compreender essa categoria enquanto conjunto de ações, práticas e privilégios de uma parcela *racializada* da sociedade que se articula para se beneficiar e manter seu status de poder.

abrangendo novas histórias, contextos e trajetórias, tanto no aspecto epistemológico, ao disputar o discurso hegemônico, como em um campo prático e ideológico. Reflexiona, por fim, sobre um projeto de sociedade antirracista e anticolonial. Logo, este trabalho visa enxergar a literatura como espaço de agência discursiva da população negra, que teve forçadamente suas identidades alteradas no processo colonial.

O CONTEXTO DA VIOLÊNCIA RACIAL

As histórias das nações colonizadas são fruto da indesejada e violenta presença estrangeira diante de seu espaço territorial alicerçada em ideologias evolucionistas de caráter civilizatório, como a noção de superioridade racial, o regime escravocrata e, posteriormente, a noção de democracia racial. A violência do processo colonial construiu legados significativos de opressão, logo que toda a fragmentação étnica, política, social e psicológica, promovida propositalmente desconfigurou e reordenou as relações de poder, trazendo à tona um ambiente de coerção e violações à população negra e indígena.

Mediante esse cenário, a dimensão racial ganha centralidade e torna-se um eixo de completa exploração e violação da cidadania negra. A estratégia adotada pelos colonizados é complexificada, no sentido de afetar física e subjetivamente esses sujeitos. De acordo com Lélia Gonzalez (1988, p. 73), nota-se que "o racismo latino americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento".

Com o uso dessa artimanha os colonizados ibero-americanos puderam usufruir de concepções hegemônicas para desenvolver um sistema de "racismo por denegação" – ou racismo disfarçado – em que as explorações sob estes são realizadas disfarçadamente, sem qualquer legalidade, mas sim por meio dos aspectos culturais diários, de exclusão e da suposta noção de superioridade racial, em contraposição a demais regimes que se pautaram na violência explícita e contextos de segregação racial. (GONZALEZ, 1988). Logo, os sujeitos dessa sociedade criam-se e constroem-se em contextos vexatórios e discriminatórios que o impõem diariamente à condição de subalternidade.

A dinâmica social permite compreender, desde sua primeira socialização, que lhe cabem somente alguns espaços, pré-designados e aparentemente inalteráveis, influenciando diretamente na trajetória dos sujeitos. Além de um projeto de dominação coletivo, a colonização se dá principalmente no subjetivo, sendo uma colonização interior, que tem por principal objetivo desumanizar o negro.

Sobre este aspecto Abdias do Nascimento (2016 [1978], p. 11) dissertou

"A palavra senha-senha desse imperialismo da brancura, e do capitalismo que lhe é inerente, responde a apelidos bastardos como assimilação, aculturação, miscigenação; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes".

Em diálogo com Abdias, Fanon (2008) afirma que o aspecto cultural ao qual a linguagem está relacionada não pode ser dimensionado. Sua lógica perpassa a estrutura de poder mediante os processos de colonização, visto que a mudança de idioma e suas significações dialogam com a imposição e o apagamento das tradições aos quais pertenciam. De fato, a dominação portuguesa sobre os negros de origem africana no Brasil, obteve êxito por meio da dominação através da língua, o apagamento histórico e a violência simbólica.

Diante dos processos culturais racistas aos quais a população não branca brasileira está submetida, esta resgata o debate referente à origem africana brasileira e suas especificidades. O movimento destes sujeitos permite um paralelo direto com Fanon e seus debates sobre a questão da língua, pois "falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização." (FANON, 2008, p. 33). Deste modo, a linguagem está intrinsecamente relacionada aos processos sociais e culturais de cada país, no Brasil não poderia ser destoante.

Apesar de frágil e primária em seus primórdios, a autoridade cultural dotou-se de mecanismos próprios para se assegurar do seu alcance e de sua efetividade. Logo, permitiram-se ser cuidadosos e sagazes no recorrente processo de silenciamento, sendo um dos mais significativos deles, a tentativa de anulação do

poder performativo e agência do discurso na formação de representações coletivas e identitárias negras. Nesse sentido, atribui-se aos negros características comportamentais e identitárias que estigmatizam e invalidam a memória cultural destes povos, sendo perpetuadas até os dias atuais.

A lógica colonial aqui exposta se consolidou efetivamente através do domínio da narrativa construída nos planos econômico, político, cultural, social e psicológico, dando margem para o surgimento de uma estrutura material e cultural ligada ao sistema de dominação colonial, gerando então, total controle na construção da nação colonizadora (CÉSAIRE, 2010). Nascimento (2016, p. 112) ainda destaca,

"Além dos órgãos de poder – o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia – as classes dominantes brancas tem a sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária"

Logo, é através da análise literária, que este trabalho visa identificar e questionar os aspectos intrínsecos à realidade social deste período, apontando a idealização de um sujeito subalternizado, à deriva de um processo civilizatório e cristianizador que legitima toda a violência sofrida. De acordo com Aimé Césaire (2010), um projeto formulado sob um discurso colonizador de superioridade científica, religiosa e moral diante da vasta diversidade negra e indígena encontrada na América Latina e Caribe.

Segundo a escritora mineira Conceição Evaristo (2005), as obras brasileiras de alguma maneira dialogam com o que chamamos de identidade nacional. Simultaneamente, se vincula a construção da figura literária do sujeito negro amparado em estereótipos diversos, subordinados ao apagamento linguístico ou a distorção da expressão da personagem através da linguagem. O sujeito negro é retratado enquanto figura caricata, desumanizada e desprovida de coerência. Logo, tais estereótipos de fato fizeram parte, e ainda fazem, do imaginário coletivo nacional e contribuem para a edificação da identidade brasileira, reafirmam a presença dos arquétipos identitários, massivamente perpetuados pela empresa colonial e colonialista.

Nesta perspectiva, o negro permanece su-

jeito a dois papéis, pautados no entendimento de sua diferença: a repulsa e o exotismo. A exotização está direcionada à subjetividade, ao ignorar a profundidade que nela reside e a construção distinta entre os sujeitos femininos e masculinos; sendo o processo de exotização do indivíduo o ápice da desumanização deste e a marginalização de sua cultura pelo colonizador. O emprego do negro como exótico, relaciona-se intimamente ao juízo estético do colonizador, não necessariamente aqui ligado com o que compreendemos por beleza, mas sim um processo de afirmação identitária muitas vezes negada a este.

Ao buscar, ao longo de sua trajetória, os devidos mecanismos de representação e utilizá-los como uma ferramenta de subversão dessa lógica, a população negra se empenha em usufruir dos recursos literários para que suas reais histórias sejam contadas, de diversas maneiras e em fontes distintas. Será essa dinâmica que irá compor a centralidade deste trabalho, para analisar as estratégias e proposições utilizadas por negros e negras para subverter a lógica de dominação, mais especificamente através da linguagem, por meio da literatura.

A ESTRATÉGIA LITERÁRIA NEGRA

Nas afirmações de Evaristo (2009, p. 18) podemos iniciar nossas observações, ressaltando que

"Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira".

Diante dessa realidade, aqui será destacado o recorrente agenciamento dos sujeitos negros em sua proposição prática de resgate à sua ancestralidade, para reafirmar coletivamente sua identidade. Nesse sentido, pode-se enxergar este movimento como construção de uma *contranarrativa* à narrativa racista estabelecida historicamente. A presença de intelectuais negros nos espaços acadêmicos, como a antropóloga Lélia Gonzalez (1935-1994) e o sociólogo

Guerreiro Ramos (1915-1982), as denúncias de negros abolicionistas, como José do Patrocínio (1853-1905) e Luiz Gama (1830-1882) e as figuras marcantes na literatura negra como Luis Silva, mais conhecido por seu pseudônimo Cuti (1951) e Maria Firmina dos Reis (1822-1917), permitem refletir sobre este movimento de *contranarrativa* negra à violência racial a qual recorrentemente foram submetidos ao longos dos anos.

Diante do racismo e do apagamento histórico de suas trajetórias, cabe aos sujeitos negros disputar os espaços políticos, acadêmicos e literários, para propor uma nova visão dos acontecimentos histórico e sociais. Será então, a presença feminina negra na literatura contemporânea, seu importante papel na busca pela escrita e as disputas por espaços de poder que atuará como protagonista e sujeitos centrais nas análises deste trabalho.

Diante dos conflitos pela narrativa, a literatura apresenta-se como um espaço a ser disputado e que possibilita novas compreensões referente à questão racial brasileira. Um estudo organizado pela pesquisadora Regina Dalcastgnê (2008) visou avaliar o perfil dos autores e das personagens da literatura brasileira contemporânea e, não surpreendentemente, se deparou com um ambiente literário composto quase única e exclusivamente por autores e personagens brancos, ao constatar que dos 256 livros analisados cerca de 80% das personagens, eram brancas. Este fato permitiu instigar uma nova reflexão a respeito da dinâmica de opressão direcionada aos negros e negras, através da representação destes sujeitos, ou mais especificamente, sua não representação.

A realidade excludente segue explícita nas análises da pesquisadora, ao afirmar que 93,9%, das 256 obras analisadas, possuíam autores que se autodeclararam brancos, sendo ínfimos 2,4% a existência de autores identificados como não-brancos (DALCASTAGNÊ, 2008). A ausência dos negros nesses espaços e, consequentemente, seu impedimento em construir uma concisa narrativa referente a suas trajetórias são enfatizados nesses dados. Dado o processo de exclusão e retirada de direitos, anteriormente exposto, é nesse contexto que há construção de uma real narrativa coletiva pela população negra.

Autoras e intelectuais negras desafiam as estruturas de opressão e tornam-se agentes

de seus próprios discursos e histórias, dentre elas, temos figuras reconhecidas como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cidinha da Silva e Geni Guimarães, ambas com uma marcante trajetória, ligada ao seu comprometimento em reconfigurar a imagem do negro na literatura contemporânea brasileira. Nesse sentido Evaristo (2005, p. 7) afirma, "que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam "semantizar" um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida".

Será ao longo do século XX que a insurgência de autoras negras, enquanto um movimento em si, atuará no processo de ressignificação da representação negra nos livros. Nesse sentido, Evaristo (2005) postula a ideia de "escre(vivência)", conceituando como a condição de escrever sobre sua realidade, dialogar e expor sua trajetória feminina negra através da literatura. Para apontar a estratégia destas autoras em articular sua "dupla condição", enquanto mulher e negra, à sua escrita narrativa, ao alinhar - consequentemente - o resgate da trajetória afro-brasileira. Esta perspectiva conceitual resgatada pela autora nos permite abordar os aspectos raciais e de gênero das obras brasileiras, tanto das personagens como das autoras, dando destaque ao seu papel na disputa política e de gramática social.

Estas figuras entendem que sua escrita perpassa a dimensão política e social da vida do negro brasileiro, suas obras são carregadas da complexidade subjetiva desses sujeitos, incluindo muitas vezes, sua própria trajetória pessoal. A tarefa tomada por elas é justamente reconstruir politicamente o imaginário social do negro brasileiro, através da literatura, mas com objetivos claramente maiores do que a própria narrativa literária.

Desse modo, a escre(vivência) das obras de escritoras negras brasileiras pode ser analisada de maneiras distintas, dentre elas, i) através da herança colonial escravista, as quais a população negra, mesmo livre, continuou submetida, como a criminalização de suas práticas, exploração e ausência de trabalhos e segregação urbana, por exemplo. A obra clássica de Carolina Maria de Jesus "Quarto de despejo - diário de uma favelada" (1960), expressa da forma mais dura possível a realidade a qual a mesma estava presa, as misérias e pobreza que fizeram

de sua trajetória uma difícil realidade, expondo a toda sociedade o racismo estrutural vivenciado por moradores das comunidades de periferia, o abandono e a batalha por sustentar seus filhos. O trecho abaixo exprime suas preocupações,

"Cheguei em casa, fiz almoço. Enquanto a panela fervia eu escrevi um pouco. Dei almoço as criança e fui no Kablin catar papel. Deixei as criança brincando no quintal. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas costumam esperar eu sair pra vir no barracão espancar meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sozinhas e não podem defender-se".

Outra possibilidade de análise está diante da evidente presença dos paradigmas de gênero, de classe, de sexualidade, de local geopolítico em seu enredo, muitas vezes exposta como um processo subjetivo da personagem, articulados criticamente, logo ii) objetivando a criação de inúmeras identidades tão diversas e curiosas a estas; não somente por meio da personagem, mas por meio de paradigmas presentes nos contextos sociais e culturais aos quais as histórias se passam, dando destaque ao sentimento subjetivo que poderia, ou não, contemplar grupos, de modo a realizar uma crítica à própria sociedade racializada.

O paralelo entre o passado de resiliência dos negros brasileiros e a literatura contemporânea, são tidos como uma importante ferramenta de ressignificação da representação e identificação negra, pois ao retratar a trajetória de negras e negros, através de diário, contos, cordéis ou prosa, autoras negras a utilizam com a pretensão de possibilitar reflexões, análises críticas e romper com os arquétipos racistas empregues aos negros. Escrever, neste sentido, está diretamente relacionado à realidade social, as trajetórias as quais retratam, ao subjetivo, dialogando diretamente com a representação dos acontecimentos. Deste modo, escrever é reescrever a história dos negros no país.

Este exemplo pode ser evidenciado na obra "Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis" a autora Jarid Arraes (2017), esta utiliza da ferramenta literária para ressignificar a trajetória de mulheres negras historicamente reconhecidas

por suas conquistas e movimentações contra o racismo. No anseio em visibilizar essas figuras, Arraes usufrui do duplo papel a qual ambas, autoras e escritora, estão submetidas e através dos cordéis escreve e vivencia sua narrativa.

Diante do processo colonial escravista inúmeros nomes se destacaram fazendo uso da literatura como ferramenta política de disseminação de novas proposições de sociedade, dentre elas, Luís Gama, abolicionista e filho de uma das maiores figuras históricas na luta contra escravidão, Luiza Mahin. Sobre ele e sua mãe, Arraes (2017, p. 90) escreve uma bela passagem em seu cordel

"Importante informar que foi mãe de Luiz Gama poeta e abolicionista de imensurável chama e por ele foi citada respeitando sua fama / Luís Gama que escreveu, sobre ela registrou: era magra e muito bela e retinta sua cor, dentes alvos brilhantes de um gênio vingador".

As autoras negras brasileiras visam reconstruir trajetórias historicamente invisibilizadas e escrever sob uma nova ótica a história destes sujeitos, retratando-os enquanto heróis, enquanto figuras positivas a serem reconhecidas. O eixo norteador da questão racial brasileira alinha suas obras a um interessante discursivo comum: à memória deste processo escravista e como ressignificá-la. Esse aspecto pode ser explicitado na obra colaborativa "Olhos de Azeviche" (2017), que conta com nomes diversos em sua organização, como Geni Guimarães, Cidinha da Silva, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo, e com contos que abordam desde a relação de amizade e amor entre as mulheres negras, os dilemas com autoestima e suas inseguranças, até o desenvolvimento da paternidade por parte dos homens negros. A obra visa apresentar um caráter heterogêneo de experiências atribuídas aos sujeitos negros e desmistificar ao máximo a concepção da figura negra na literatura.

Os contos apresentam-se como grande possibilidade de abertura as escritas das autoras negras, obras como "O tapete voador" de Cristiane Sobral, "Um defeito de cor" de Ana Maria Gonçalves e "Olhos d'água" de Conceição Evaristo, traduzida para inúmeros idiomas, escritas originalmente por mulheres negras, tem em sua essência o aspecto revolucionário da contranarrativa e o objetivo de retratar e dialogar acerca das escre(vivências) negras. Por fim,

a escrita destas autoras está intrinsecamente ligada às suas experiências raciais, possuem estrategicamente cunho político e de denúncia acerca dos múltiplos estereótipos adotados por autores nacionais, com o objetivo de romper com o racismo estrutural, para finalmente dissertar acerca de suas próprias trajetórias indissociáveis de mulheres e negras.

CONCLUSÃO

O desafio em configurar-se agente de mudanças referente à representação e identidade de população negra, foi tomado por estas mulheres, desenvolvido e protagonizado por suas trajetórias complexas, acerca da verdadeira experiência do negro no Brasil. Suas obras resgatam diversos aspectos históricos, desde a herança escravocrata, rompendo arquétipos e visibilizando histórias. Sua atuação pode ser expandida até seu alinhamento a novas tendências narrativas da literatura negra e o afro-futurismo, ficção, produção de quadrinhos e literatura infantil. É nesta ampla atuação que este movimento feminino negro de contranarrativa visa refletir sobre a dominação colonial e sua influência na dinâmica institucional da sociedade, remetendo à resignificação desta gramática acerca da exposição da realidade brasileira.

Diante das afirmações feitas anteriormente, pode-se apontar que a exploração colonial distorceu a imagem do negro brasileiro, o excluiu dos espaços e construiu barreiras com intuito de impedir sua efetiva presença na produção do discurso acerca de si mesmo. No entanto, a auto-organização negra possibilitou que estes se autorrepresentem por meio da literatura a utilizando como ferramenta de discurso. Logo, cria-se um campo amplo a ser explorado pelas Ciências Sociais, a literatura negra produzida por estas autoras mantém-se crítica neste aspecto e embasa suas reflexões narrativas em diálogo constante com esta área do conhecimento.

Este trabalho conclui-se propositivo no que tange às saídas para o discurso racista, apre-

senta uma das estratégias construídas por negros que tem na literatura um papel fundamental para sua atuação (HOOKS, 2019). Além disso, tem por objetivo destacar as protagonistas dessa mudança e fortalecer o movimento de conflito pela narrativa atual. Enquanto estas mulheres permanecerem tão desafiadoras aos resquícios da violência colonial a qual os negros foram submetidos; suas dores e angústias ao longo deste processo, o apagamento e o epistemicídio de suas culturas serão denunciados e transformados em mudança institucional e discurso literário.

Portanto, a resignificação que essas figuras desenvolveram para os sentidos literários brasileiros possibilitou a criação de um autêntico espaço de existência através dela ao construir sua própria agência literária. O sujeito negro, aqui mais especificamente, a mulher negra, agora fala por si e por um grupo com as experiências divididas coletivamente. Pode-se, então, pensar na experiência da produção literária como um exercício de construção de alteridade, que organiza e, mais que isso, expõe arduamente a realidade em que esses sujeitos estão inseridos, permitindo que haja um reconhecimento entre os leitores e personagens, e uma reflexão acerca dos aspectos sócio-políticos e históricos do que está sendo narrado.

Em outras palavras, pode-se pensar a narrativa destas autoras como uma forma de afirmar-se enfaticamente: escrevo porque sou, porque existo e resisto.

FIZ-ME POETA

LIA VIEIRA

"Fiz-me poeta por exigência da vida, das emoções, dos ideais, da raça. Fiz-me poeta sabendo que nem só 'se finge a dor que deveras sente' e crendo que através da poesia posso exprimir a arte do cotidiano, vivida em cada poema marginal." (EVARISTO, 2009, p. 12 *apud* DAVIS e Ogundipe-Leslie, 1995, p. 209).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Miriam et al. (2017), *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Malê.
- ARRAES, Jarid. (2017), *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo, Pólen.

BENTO, Maria Aparecida Silva. (2002), "Branqueamento e branquitude no Brasil, in I. Carone & M.A.S. Bento (orgs.), *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, Petrópolis: Vozes, p. 5-58.

CÉSAIRE, Aimé. (2010), *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis, Editora Letras Contemporâneas.

DALCASTAGNÈ, Regina. (2008). "Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea". *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, 31:87-110.

DE JESUS, Carolina Maria. (2006), *Quarto de Despejo-diário de uma favelada*. São Paulo, Editora Ática.

EVARISTO, Conceição. (2005), "Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face", in N. M. B. Moreira & L. Schneider, *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*, João Pessoa, Idéia.

_____ (2009), "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade". *Scripta*, 13, 25:17-31.

FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. (2008), *Pele negra, máscaras brancas*. Scielo - Edufba.

GONZALEZ, Lélia. (1988), "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, 92, 93:69-82.

HOOKS, Bell. (2019), *Olhares negros*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo, Elefante.

NASCIMENTO, Abdias. (2016), *O genocídio do negro brasileiro*. 2 ed. São Paulo, Perspectiva.

REIS, Maria Firmina dos. (1988), *Úrsula*. Florianópolis, Mulheres.

SOBRAL, Cristiane. (2016), *O tapete voador*. Rio de Janeiro, Malé.

WERNECK, J. s/d. (2009), "Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo", in J. Werneck & F. Lopes (orgs.) *Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*, Rio de Janeiro, Criola.

Recebido em 26 de julho de 2019

Aprovado em 08 de outubro de 2019

